

REFLEXÕES SOBRE O SOCIALISMO E A AUTO-EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES

Luiz Carlos Murauskas/Folha Imagem

*Em 1991, ainda investido do mandato de deputado federal, Florestan Fernandes fez palestra no Sindicato dos Metalúrgicos, em São Bernardo do Campo, para o seu público preferido: os trabalhadores. Durante duas horas e meia, ele debateu com os metalúrgicos a questão das vias para a emancipação social da classe operária. Ao longo de seus dois mandatos como deputado federal, Florestan procurou manter permanentemente contato com os trabalhadores, não se limitando às discussões de caráter legislativo. A Revista Adusp reproduz, pela primeira vez na íntegra, a intervenção inicial do professor Florestan Fernandes. O texto completo, inclusive o debate, será publicado este ano no livro **Em busca do socialismo**, pela Editora Xamã.*



Existe uma crise profunda em toda a civilização ocidental. Seria algo estranho que essa crise não se refletisse no marxismo. O dialético também seria que a crise atingisse o marxismo. Muitos dos argumentos usados para desqualificar o marxismo são mais de natureza capitalista que de natureza operária e não têm uma base objetiva, que poderíamos chamar de lógica ou científica.

Se se toma a melhor enciclopédia que já se publicou em ciências sociais, que não é a mais recente - foi editada no final de 1929 em 15 volumes e trazia uma contribuição internacional de primeira ordem -, sobre a palavra socialismo vem uma discussão a respeito do que é a concepção marxista do socialismo. Isso é um ponto de referência muito importante para que se entenda que, no quadro da produção das idéias que conduziram à formação do socialismo, o marxismo foi considerado a tendência mais importante. Em torno do socialismo de orientação marxista vai se constituir a social-democracia europeia, no início, e os partidos socialistas que surgiram em diferentes lugares da Europa e, depois, em outras partes.

Aqui tentarei sintetizar a visão originária do socialismo, que considerava a classe trabalhadora como a única classe revolucionária na sociedade capitalista e a única classe que tinha interesses e potencial de luta política suficientemente forte para transformar a ordem social existente e destruir o capitalismo.

É necessário lembrar que a desagregação da sociedade feudal produziu a separação do produtor dos meios de produção. Considerando uma área da produção, de tecidos ou de sapatos, por exemplo, vamos supor que existissem trabalhadores artesãos que produziam em pequenas oficinas, como costureiras que produziam em suas próprias casas. No fim do mundo feudal, através principalmente de uma acumulação de capital que se dá pela via comercial, surgiram recursos e, ao mesmo tempo, pelo desenvolvimento do conhecimento, surgiram técnicas que permitiram uma nova forma de produção. A sociedade feudal era uma sociedade que dispersava o poder dos senhores e permitia que a burguesia crescesse e se fortalecesse, através do comércio lo-

cal, nacional e internacional, ou da exploração de regiões coloniais. Mas o fato é que no fim há um problema mais complicado, porque há mais de uma forma de acumulação de riquezas ao longo da sociedade feudal, com o próprio senhor feudal assaltando, cobrando direito de passagem e segurança; com o aparecimento de uma religião que valorizava a austeridade, que foi o protestantismo; com a existência do entesouramento, que se expande através da acumulação de riquezas que procediam da usura, do comércio e das primeiras grandes tentativas de "colonização", envolvendo as navegações, a descoberta da Ásia, América e África. Então, surgiram várias formas de acumulação de riquezas, inclusive a dos artesãos.

Entre os mestres artesanais apareceram pessoas que usavam os aprendizes ou mestres que não possuíam recursos para ter suas próprias oficinas ou seus próprios estabelecimentos. Aqueles mestres, então, acumularam riquezas.

Constitui-se, então, um ser humano com recursos econômicos para concentrar em suas mãos riquezas suficientes para comprar os meios de produção e gerar um novo tipo de economia. Essa evolução é muito complexa e exigiria um curso de história econômica. Mas os trabalhadores, os produtores diretos, por exemplo os servos, o artesão que trabalhava individualmente, o artesão que não tinha recursos para gerir um estabelecimento em condições de expandir-se, ser-

vem de pilar para uma forma de apropriação que excluía o produtor dos meios de produção.

Formam-se vários modos de expropriação, de onde nasce um novo tipo de propriedade, que é a propriedade privada moderna. Em torno dessa propriedade moderna individual dos meios de produção é que vai desenvolver-se a produção capitalista.

Exemplo: um negociante numa cidade inglesa, que conhecia pessoas que produziam um determinado produto em suas casas, criava uma empresa, uma fábrica, e comprava desses trabalhadores suas máquinas. Esses trabalhadores iam vender depois o seu trabalho, como mercadoria, para aquele negociante. De outro lado, toda a gente que morava no campo e se viu expropriada de suas terras vai parar na cidade e servir de mão-de-obra. Emerge o embrião da empresa moderna, na qual há uma con-

Tentarei sintetizar a visão originária do socialismo, que considerava a classe trabalhadora como a única classe revolucionária na sociedade capitalista e a única classe que tinha interesses e potencial de luta política suficientemente forte para transformar a ordem social existente e destruir o capitalismo.

centração dos meios de produção. É uma invenção, dentro da tecnologia existente, que tornou possível criar essa nova maneira de organizar a produção e de submeter, através do dinheiro, aquele agente econômico fraco à condição de vendedor da sua força de trabalho. Esse agente econômico pode ficar morando no próprio local ou se desloca e mora em uma cidade, em áreas muito miseráveis, como é descrito em vários livros, inclusive o de Engels, sobre o trabalhador na Inglaterra em 1844.

Quer dizer, as cidades se diferenciavam, há uma concentração maior da população nas cidades, e ocorre, também, a importação simultânea de artifícios mais qualificados, por exemplo, franceses e espanhóis, que eram hábeis em certas especialidades. Existe um grande movimento na população e ela cresce tanto por via da migração quanto da reprodução.

Esta nova forma de propriedade, ligada ao capital, é o recurso que permite o início do processo capitalista de produção. O trabalho transforma-se em mercadoria, pois o produtor deixa de produzir para si próprio e para a família e passa a vender sua capacidade de trabalho para o proprietário do capital. O que caracterizava o sistema feudal era que quem quisesse um par de sapatos iria a um artífice e encomendava-o; poderia esperar um ou dois meses, mas obtinha o par de sapatos. O processo era esse, não havia estoques de produtos em todos os ramos.

Com a nova invenção, o produto cresce em massa e descobre-se um mercado diferente, que iria crescer, aumentar e difundir-se por toda parte em seguida.

Assim se compõe a nova forma de produção, ligando capital e trabalho entre si. O capitalista, graças a essa nova forma de produção e de propriedade, passa a administrar uma fábrica. Ele não comprava a pessoa do trabalhador. Mas as horas de trabalho dele, por exemplo, 12 ou 15 horas. Nesse período de tempo, o trabalhador não produzia só aquilo que o capitalista estava lhe pagando; ele produzia o equivalente ao que recebia e mais uma certa quantidade de produtos. Um exemplo, com 12 horas: em 6 horas ele produzia o equivalente que recebia; nas outras 6 horas, ele produzia um excedente econômico, que ficava com o capitalista. Essa é a nova forma de exploração: o produtor não recebia todo o equivalente por aquilo que produziu, mas

apenas a metade, dois terços ou um terço etc. Quando se trata de acumulação simples, o capitalista elevava a exploração, aumentando a jornada de trabalho. Em vez de ficar 12 horas trabalhando, ele ficava 16 ou 18 horas. O que ele produziu a mais pertencia ao capitalista. A extensão da jornada de trabalho permitia intensificar a exploração do trabalho não pago.

O capitalismo, no sentido específico, surge quando a acumulação acelerada do capital se dá. Quer dizer, além do que foi descrito: quando a ciência, a tecnologia, a organização da produção fazem com que o indivíduo, em vez de produzir o equivalente ao que ganharia em 6 horas, passe a produzi-lo em três ou quatro horas, e a extração do excedente, a mais-valia, expande-se constantemente e o dono do capital se apropria de todo o produto. Essa é a chamada acumulação capitalista acelerada - ela revoluciona a produção moderna. À medida que a técnica evolui e multiplica a produtividade do produtor direto, o capital cresce com maior rapidez.

É isso que caracteriza o aparecimento do capitalismo em termos históricos e estruturais. O produtor é despojado dos meios de produção, que passam para as mãos do capitalista. Através da técnica, este utiliza os meios de produção, gerando um produto maior, enquanto o trabalhador se vê despojado desse excedente. Isso quer dizer que a exploração se localiza ao nível da produção, no qual se dá a espoliação do agente de trabalho sob o capitalismo. É muito importante entender esse esquema para se compreender que aquele que trabalha está numa situação tal que vai ser sempre explorado, qualquer que seja o progresso da organização da produção. Pois a acumulação simples desaparece, mas fica embutida na acumulação ampliada e acelerada; e esta acumulação atribuirá ao capital industrial maior dinamismo. Portanto, capital e trabalho vão ter uma relação dialética entre si. O capital precisa do trabalho assalariado para crescer, e o trabalho assalariado, por sua vez, precisa do capital, porque o trabalhador não tem meios de subsistência e reprodução dele próprio como trabalhador e de sua família. Dentro dessa estrutura há um antagonismo entre capital e trabalho que é irreduzível, porque a função do capital

Não é o trabalhador que é a mercadoria:

ele não é um escravo nem um servo,

em sentido literal. Ele só vende sua

força de trabalho. Com essa força de

trabalho, o agente capitalista obtém

um produto que ultrapassa de muito

o que ele paga ao trabalhador.

consiste sempre em exercer uma espoliação, que se tornará cada vez mais concentrada à medida que a tecnologia eleva a produtividade.

O trabalhador, por sua vez, especialmente nas condições originárias da produção capitalista, terá que se contentar com um salário muito baixo, compatível apenas com um padrão de vida paupérrimo. Engels, pela investigação sobre as condições de vida dos operários na Inglaterra em 1844, descobriu as áreas onde viviam os trabalhadores, mais ou menos distantes de outras áreas, praticamente isoladas e segregadas, de modo que os burgueses podiam ir para seus escritórios ou destes para suas mansões sem ver a miséria que ocasionavam aos trabalhadores.

Existe uma relação dialética entre o capital e o trabalho que é inevitável. Em qualquer modelo de capitalismo, o capital só cresce espoliando o agente de trabalho e, por sua vez, o agente de trabalho só pode se reproduzir e sobreviver na medida em que encontra um mercado de trabalho, que converte sua força de trabalho em mercadoria. Não é o trabalhador que é a mercadoria: ele não é um escravo nem um servo, em sentido literal. Ele só vende sua força de trabalho. Com essa força de trabalho, o agente capitalista obtém um

produto que ultrapassa de muito o que ele paga ao trabalhador.

O que se deve ressaltar é que esse antagonismo irreduzível opõe entre si o trabalhador e o capitalista, adversários em termos econômicos, políticos e culturais. Essa situação, naturalmente, foi enfrentada pelos trabalhadores ao tentarem se organizar socialmente. Primeiro, criaram as uniões ou as associações, os sindicatos. Nem os economistas nem os socialistas conseguiram entendê-las: como é que os trabalhadores desenvolveram essas organizações, às vezes prejudicando seus próprios interesses? Ao se unirem em associações e sindicatos, sofriam pressão dos patrões; havia flutuação na oferta (o “não, eu pago um pouco mais para você”); ou, então, os próprios trabalhadores se viam obrigados a se cotizar para manterem a associação; ou eram obrigados a aceitar condições de trabalho em que a remuneração era menos vantajosa, exatamente para poderem formar o sindicato, porque havia entre os mesmos profissionais qualificações variadas (uns poderiam ganhar mais que outros e, de repente, todos começavam a defender os interesses coletivos). Tanto os socialistas como, principalmente, os economistas não entenderam isso. Marx e Engels os chamavam proletários, colocaram em primeiro lugar a sua organização. No início, a reação foi diferente, pois o trabalhador não compreendia o complexo mecanismo



Em frente ao Congresso Nacional, durante seu primeiro mandato como deputado, Florestan Fernandes participa de manifestação de trabalhadores rurais.

exigido pelas circunstâncias. Quebrava as máquinas, às vezes destruía a própria fábrica. Depois entendeu que o problema não estava na máquina, na fábrica, mas no capitalista e na propriedade privada dos meios de produção. Ele tinha que atacar o capitalista e a relação de exploração imposta pelo capital. Não podia conseguir isso individualmente; tinha de ser coletivamente. Deviam, portanto, associar-se. Constituem-se, assim, as primeiras formações proletárias, que promoviam a luta econômica, social e política coletiva e organizada.

Esse esboço é muito sumário, muito superficial, mas contém a essência da concepção marxista do socialismo. Existe uma base econômica, social e política que não é inventada, é extraída da própria formação e evolução do capital e do trabalho na sociedade moderna.

Não vou expor a primeira parte do *Manifesto comunista*, que é muito importante, onde vêm descritas as etapas da evolução das classes. É claro que os trabalhadores são uma classe, os capitalistas são outra e vai haver antagonismos entre elas. Aparecerão também classes intermediárias e, destas classes, algumas têm interesse em se unir com o capital ou com os trabalhadores. A única classe, porém, que possui interesse em revolucionar e acabar com a sociedade burguesa é a classe trabalhadora. Por isso, a classe trabalhadora é tida como classe organicamente revolucionária. As outras podem participar de uma luta por reformas e até por revoluções; mas, atingidos os seus objetivos, retraem-se. Os trabalhadores precisam eliminar essa sociedade e organizar a produção de tal maneira que o capital não prejudique mais o produtor.

Agora, quais são os objetivos centrais dos socialistas e daqueles que tomam essa posição? Existem coisas que não foram citadas, sobre o embrutecimento do trabalhador que, submetido às condições de trabalho que praticamente brutalizam a pessoa e bloqueiam o desenvolvimento da consciência social, impedem a aquisição de cultura e a auto-emancipação coletiva da classe. Já nos primeiros trabalhos de Marx e Engels são feitas essas análises da alienação social. O embrutecimento do trabalhador, a necessidade do trabalhador de tomar consciência de sua situação social e o fato de que essa situação só possa ser alterada pelo próprio trabalhador coletivamente. Portanto, ele precisa se organizar em sindicatos, partidos, forjar outras organizações culturais para poder propor uma sociedade de caráter diferente, com uma nova forma de produção, com uma infraestrutura que não seja espoliativa, que assegure a igualdade e a liberdade como algo generalizado e que envolva a autogestão coletiva dos meios de produção, na qual se consagre a construção da democracia (não da democracia apenas para uma minoria, mas a democracia da maioria e, com a evolução

socialista, a democracia universal). No *Manifesto comunista* há uma parte que recebeu o título "A Ótica Comunista". Nela, Marx e Engels expõem a idéia de que os comunistas não pretendem construir um partido para dirigir a classe operária. Os comunistas são aqueles que têm uma visão geral das tendências de transformação da economia e da sociedade e que cooperam com todos os partidos de trabalhadores no sentido da transformação da sociedade e na criação de uma sociedade nova.

E quais são os objetivos que eles salientam como essenciais do socialismo proletário? Primeiro, a organização da classe. É claro que, para o trabalhador transformar a sua condição de existência e a sociedade na qual vive, precisa proceder como faz a burguesia, isto é, organizar-se como classe. Esse processo é espontâneo, mas possui componentes que dependem da consciência social dos agentes históricos. O trabalhador precisa compreender que o sindicato é um meio de luta, mas que é insuficiente e que é necessário inventar outros meios de luta, que são os partidos políticos. Há um momento, como se deve lembrar no Brasil do passado, por exemplo, na época getulista, em que o trabalhador não podia ter capacidade de se organizar autonomamente e pela base. Havia, então, uma tendência de aliar-se com a burguesia, utilizando os conflitos entre os setores da burguesia para alcançar objetivos propriamente operários. Aí, surge o pelego, o sindicato atrelado, a burguesia nacional, tudo isso que já conhecemos. É claro que o quadro diferia na Inglaterra, na França etc. Mas os problemas básicos eram os mesmos. Assim como o capitalista tem uma situação de interesses de classe, o trabalhador também possui uma situação própria de interesses de classe. E essa situação não está confinada à existência do salário, à melhoria do salário, a ter sindicatos, partidos etc., mas a mudar a sociedade de modo que as iniquidades econômicas, as desigualdades sociais e a subalternização política desapareçam. Portanto, os trabalhadores precisam se organizar como classe para usar o poder real de classe na luta contra o capital. Esse é o requisito número um para que o trabalhador, que constitui maioria na sociedade, possa modificá-la, utilizando sua força no sentido de uma revolução social.

O segundo objetivo a que os comunistas se propõem é a demolição da supremacia burguesa. Marx e Engels utilizam o conceito de supremacia e não o de dominação, embora o conceito de dominação seja prevalecente na sociologia. Para se derrubar essa supremacia burguesa, o que é necessário fazer?

Não basta ao trabalhador se desenvolver como classe, dispor de sindicatos, partidos e organizações culturais, educacionais, de seguridade, de recreação etc., próprias. É necessário que ele adquira a consciência social da subalternização, da importância de adquirir todos os direitos concedidos

pela cidadania e acabar com o despotismo na fábrica e com o despotismo na sociedade civil, porque esses dois despotismos caminham juntos. Seria ilusório pensar que o despotismo na fábrica é uma contingência da vida burguesa, porque ele se reproduz na comunidade onde vivem os trabalhadores. A pessoa é obrigada a usar ônibus, ter um meio de transporte no qual vai apinhada e arrisca a vida, é obrigada a ter uma alimentação ruim, não ascender à educação ou a receber uma educação inferior, para si e para os filhos. Tudo isso impede o trabalhador de contar com uma situação de confronto eficiente com o burguês. Daí a necessidade de limitar, primeiro, o poder da burguesia na fábrica, na sociedade global, no Estado, e de disputar, classe a classe, em todos os níveis, com a que exerce o monopólio da riqueza, da cultura e do poder político. Por isso, é crucial desenvolver consciência social de classe e capacidade de luta política organizada, coisas que estão ligadas entre si. A partir desse patamar, pode-se falar de movimento socialista e de desalienação dos de baixo. Os trabalhadores formam, nesse momento, uma classe em si, capaz de lutar por seus objetivos, independentemente de qualquer ligação - associação, submissão, cooptação - com o capital, com a burguesia e com outras classes intermediárias (pequena burguesia, estratos médios mais altos, mais ricos, mas que são proprietários dos meios de produção).

Por fim, o terceiro e último objetivo dos comunistas é a conquista do poder. Esta é a etapa mais avançada, na qual o trabalhador pode sair para a luta política não mais para resolver problemas da sua classe, mas para construir uma sociedade nova e um Estado de novo tipo, nos quais a democracia se inicia como democracia da maioria e não como democracia da minoria, não como democracia representativa que favoreça os poderosos e subalternize aqueles que são menos iguais, que são dependentes e vivem em condições de desigualdade social.

É algo importante distinguir entre ocu-

par o poder e conquistar o poder. Há vários exemplos históricos nos quais os trabalhadores, os partidos socialistas ou social-democratas ocuparam o poder. Mas a conquista do poder significa que o movimento social de transformação da ordem existente atingiu seu objetivo, a classe capitalista não terá mais condições sociais e políticas de se reproduzir como classe dominante e terá que ser reeducada, para viver na sociedade nova e sobreviver dentro dela. Esta é a concepção central de Marx e Engels. São estes os objetivos capitais do socialismo proletário e revolucionário.

Devemos recuperar algumas afirmações de Marx e Engels, redigidas logo depois da derrota da revolução na Alemanha. Ocorreram revoluções na Europa, desencadeadas pela burguesia, a revolução francesa, a revolução inglesa, que se anteciparam historicamente a outras revoluções burguesas (lembre-se, a revolução inglesa se desencadeou primeiro; a revolução francesa logo depois; e irão suceder-se outras revoluções em seguida, na Alemanha, Itália, Espanha e em vários países da Europa, com resultados variados). Marx e Engels, como alemães, voltaram à Alemanha. Marx, que saiu da Alemanha como jornalista, fundou então um jornal e pretendeu utilizá-lo para agitar os trabalhadores e avivar a sua consciência social. Engels, que tinha treino e vocação militares, se engajou militarmente na revolução. E a história acaba com Marx sendo banido da Alemanha

Nair Benedicto/N Imagens



primeiro e Engels foragido, logo depois. Voltam à Inglaterra, onde vão experimentar uma situação difícil, a situação amarga da derrota. A revolução burguesa não alcançou na Alemanha o mesmo êxito que lograra na França, porque na França o setor mais avançado da aristocracia se alia com a burguesia ascendente e os outros setores fogem, para retornar mais tarde, chefiando a reação. Na Alemanha, a burguesia, apesar de ter conquistado representação parlamentar, se mostrou muito covarde e, principalmente, descobriu que seu aliado principal na revolução, os trabalha-

dores, representavam um perigo muito maior para si própria, pois, se os nobres e a Casa Real representavam uma limitação do poder, os trabalhadores apontavam o fim da burguesia como classe. Orientou-se no sentido da acomodação e do oportunismo no parlamento, traindo a revolução e recuando nos propósitos nacionalistas e democráticos que estavam em jogo. Em consequência disso, a revolução se esgotou num processo de conciliação entre a aristocracia prussiana e não-prussiana com a burguesia. A Casa Imperial prevaleceu e a defesa da democracia circunscreveu-se às relações históricas entre a burguesia, a aristocracia, a burocracia e o poder imperial. Max Weber, entre outros sociólogos, dedicou-se a análises sobre o assunto que são muito esclarecedoras e merecem nossa atenção (inclusive por causa do papel da burguesia nos anos decisivos, que começam no Brasil com a revolução de 1930).

Marx e Engels, na Inglaterra, vão encontrar um ambiente dramático e um grande desânimo entre os revolucionários, pois estes, especialmente os de extrema-esquerda, pensavam que, logo de cara, iriam conquistar o poder e acabar com todas as desigualdades e injustiças sociais, construir um Estado democrático e igualitário etc. Quando descobriram que isso não era possível, se recolheram a si mesmos, ressentidos. Marx diz, numa carta, que eles se deitam no sofá, esperando que a revolução se faça enquanto eles dormem. Mas Marx e Engels empenharam-se em outra coisa, depois de algumas vacilações: começaram a estudar as revoluções. Logo escreveram uma carta à Liga dos Comunistas, com o fito de defender os ideais revolucionários e proletários. Convém citar um ou dois trechos dessa carta, que é muito importante, pois trata também da organização política da classe trabalhadora. É o primeiro escrito onde se esboça o programa de um partido dos trabalhadores de uma perspectiva marxista. Nella vem a célebre afirmação, característica desse socialismo revolucionário: “Nós não queremos melhorar as classes, nós queremos eliminá-las. Nós não queremos aperfeiçoar a sociedade de classes, queremos suprimi-la”.

Essa é a concepção originária de Marx e Engels. Precisamos resgatar essa concepção, porque se ataca o marxismo, dizendo que ele está em crise, que ele morreu. Mas, se se perguntar a um pessoa o que é o marxismo, ela não sabe, “não estudou isso”. O marxismo está enterrado e a classe trabalhadora está condenada a ser subalterna na socie-

dade capitalista recente, com um melhor padrão de vida, mas com profundas desigualdades sociais e cicatrizes insanáveis. Tanto é assim que na Inglaterra, nos EUA, nesses países “avançados”, a proporção de desempregados aumenta o número dos que vivem abaixo da linha de pobreza. Quais são as perspectivas de resolver esses problemas crônicos através da assistência social?

Aceitar esta visão significa comprometer-se com a idéia de que os trabalhadores não têm condições nem meios para organizar, com suas próprias mãos, suas próprias cabeças, uma sociedade nova, diferente da democracia ampliada e que evoluirá até o comunismo.

A civilização engendra a barbárie e só através do socialismo é que se pode produzir uma civilização sem barbárie. Mesmo nos países avançados enfrenta-se esse dilema, que é estudado por Engels em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Onde persiste e se multiplica a conexão

entre civilização e barbárie, como nos países adiantados, o socialismo é necessário como alternativa para gestar outro tipo de civilização, realmente igualitária e democrática. De acordo com o filósofo italiano Della Volpe, que designa a liberdade maior como liberdade com igualdade, é fantasia falar em democracia sem a sua existência. A democracia é uma palavra e é preciso saber o que ela significa, quem a aproveita e o que é um Estado capitalista.

Quanto à periferia, aí não há nem o que discutir. O retrato traçado é tão válido quanto na época em que ele apareceu na Inglaterra, na França ou na Alemanha. É claro que o capitalismo se transformou, as sociedades de classes se modificaram, o próprio marxismo sofreu inovações, através de autores como Hilferding, Lênin, Trótski, Bukhárin, Lukács, Gramsci, etc. Todos eles mostram como estas transformações podem ser absorvidas pelo marxismo e refinaram a explicação marxista da sociedade e da revolução.

Não se trata de dizer que não há transformações. Porém, na periferia, as condições existentes (por exemplo, no Brasil) se casam com a descrição do primeiro capítulo do *Manifesto comunista*. E em outros países da América Latina é a mesma coisa. Toda a periferia está sujeita à problemática do desenvolvimento capitalista desigual. E o desenvolvimento capitalista desigual só pode ser enfrentado, corrigido e eliminado através de revoluções nacionalistas libertárias reforçadas por revoluções socialistas.

***O desenvolvimento
capitalista desigual só pode
ser enfrentado, corrigido e
eliminado através de
revoluções nacionalistas
libertárias reforçadas por
revoluções socialistas.***